

Alexandre Santos



RECIFE

de todos os sonhos



ALEXANDRE SANTOS

RECIFE

de todos os Sonhos



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
Gérman Cárceres
Caio Porto
Carlos Newton Júnior



As cidades despertam lembranças e
sonhos

Para Carmen e João Eduardo Rosas
Monteiro

RECIFE

de todos os Sonhos

O Recife é a principal cidade do nordeste do Brasil. Capital do estado de Pernambuco, embora geograficamente pequeno (área de apenas 218 km²), refletindo o dinamismo cultural e pujança econômica, condições não reveladas no IDH de 0,772 e Índice de Gini de 0,68, o Recife se destaca no País como o oitavo maior polo econômico e núcleo da quarta maior urbe, concentrando cerca de quatro milhões de habitantes espalhados por nove cidades metropolizadas, incluindo as históricas Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Igarassú.

Mais antiga das capitais estaduais brasileiras, o Recife surgiu em 1537

como povoado portuário então chamado 'Ribeira de Mar dos Arrecifes dos Navios', fazendo contraponto a Olinda, vila-mor de Pernambuco - a Capitania mundialmente conhecida pela cana-de-açúcar e pelo pau-brasil, alvo da cobiça de muitos, inclusive da Companhia das Índias Ocidentais, que terminou por invadi-la em 1630.

Movidos por sentimentos diversos daqueles que animavam os colonizadores portugueses, os holandeses logo trataram de promover o Recife, em detrimento de Olinda, que, na época foi abrasada. Vale dizer que a escolha do Recife como capital do Brasil Holandês não atendeu a mero capricho do príncipe Maurício de Nassau, nem ao fato de a cidade estar construída em planície aluvial sobre manguezais, com altitude de apenas 4

m, muitos pontos abaixo do nível do mar e ser entrecortada por rios e canais, em arremedo topográfico dos Países Baixos. Não. O Recife foi escolhido pela proximidade do porto e dos campos adocicados pela cana-de-açúcar. E, assim, durante a ocupação holandesa, o Recife respirou ares que a tornaram diferente das demais cidades brasileiras. Com a Insurreição Pernambucana, 24 anos mais tarde, o Recife consolidou-se como a cidade mais importante da região, apurando a sua vocação econômica e cultural.

Daqui a 17 anos (precisamente em 12 de março de 2037), o Recife completará 500 anos de existência, um período vivido intensamente em trajetória pontilhada dos marcos que fazem a grandeza dos lugares e das

coisas, o quê lhe deu destaque em todos os quesitos.

Vindo da praia, o Recife cresceu seguindo a rota dos ventos e, em desafio às águas, charcos e pântanos, lançou mão da engenharia e do trabalho duro, se enchendo de pontes, palafitas e aterros que criaram novas terras firmes para completar a obra de Deus e dar-lhe novos lugares de moradia e função. Ultrapassando rios, canais e mangues, o Recife se espalhou pelo estuário e subiu os morros de Casa Amarela e do Ibura, emendando a urbe com as cidades vizinhas até chegar ao formato pleno dos dias de hoje, restando como possibilidade de expansão, apenas o adensamento, a recriação ou, em última instância, o estupro de testemunhos ambientais de

como era a vida no tempo das coisas boas.

Mas, o Recife é mais do que um lugar. O Recife é um modo de ser.

De fato, bafejado por brisa amena e cercado pelas terras férteis da Mata, além de lugar de pensar, relaxar e canaviar, o Recife é lugar de grandes paixões e sentimentos extremos, com espaço muito exíguo para os hagás e meio-termos-bem-comportados. Talvez pela intimidade como convive com as águas - tanto as salgadas do mar bravio, como as salobras do delta pachorrento, como, ainda, as doces que chegam do interior ou brotam das profundezas - e [como convive] com aqueles que a ele recorrem em busca de descanso para o corpo, diversão para a alma e mercado para negócios, o Recife produziu uma gente especial, dessas que, dando um

boi para evitar confusões e uma boiada para delas não sair, reserva cordialidade para os momentos de doçura e valentia para os momentos de firmeza. Por isso, proclamando a índole democrática do Nordeste, o Recife adotou como Lema a frase 'Ut luceat omnibus', cuja tradução significa 'Que a luz brilhe para todos'. Não é sem razão que, por toda a sua vida, déspotas penalizaram Pernambuco por coisas surgidas e impulsionadas desde o Recife ou que, retratando um estar-pronto-para-o-que-der-e-vier, ruas como Harmonia, Amizade e Alegria encontrem contraponto nos becos da Facada, do Cu-de-Boi e do Mata Sete.

Se, no início dos seus tempos, deu abrigo a intrépidos navegantes, guardando-os de ondas capazes de fazer soçobrar embarcações, o Recife

também se ofereceu como berço e estufa para movimentos revolucionários próprios do sangue quente da sua gente. Assim, os arrecifes que protegem a cidade vêm sendo testemunhas tanto de chegadas desejadas e permanências queridas, como de partidas abruptas e fugas estabanadas. Aliás, consciente de que o mundo começa bem ali, na barra do cais do porto, enquanto caminha e freva por ruas tatuadas nas terras abraçadas pelo Capibaribe e pelo Beberibe, sentindo o vislumbre morno e carinhoso de Olinda e dos Guararapes, o recifense segue com um brilho misterioso no olhar, a peixeira semi-embainhada e um sorriso hospitaleiro nos lábios.

Disposto a não desperdiçar tempo e viver o mais intensamente possível,

fazendo sempre o máximo para alcançar sonhos, conquistar objetivos e materializar causas, o Recife nunca dorme, estando sempre empenhado em projetos, dando função às coisas, construindo empreendimentos, estudando soluções, perturbando, enfim, a tranquilidade dos conservadores. Por isso, a cada dia que passa o Recife se renova, parecendo diferente, embora seja o mesmo.

Assim vem sendo desde a sua fundação.

Assim foi ontem, assim é hoje e assim será por todo o sempre.

Viva o Recife, cidade símbolo de um povo que sabe o que quer e não se deixa dobrar pelas dificuldades.